

O OUVINTE E SUA RELAÇÃO COM A LÍNGUA DE SINAIS E COM A SURDEZ

Marlene Catarina de Freitas - IEL/UNICAMP
marleneped@hotmail.com

Resumo: Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma pesquisa em andamento sobre como se constrói a relação do ouvinte com o mundo da Surdez, levantando as dificuldades/facilidades encontradas nessa interlocução e focalizando o processo de entrada desse ouvinte em contato/conflito com a Língua de Sinais. Através de uma pesquisa etnográfica (Erickson, 1984), essa relação é observada a partir da experiência da pesquisadora durante um curso de Língua de Sinais, ministrada por um professor surdo. Neste trabalho, primeiramente, a pesquisadora manteve um diário de campo durante as aulas de Línguas de Sinais por ela frequentadas como aluna e observadas. Em um segundo momento, busca-se realizar a análise dos dados visando construir respostas sobre como se constrói essa relação, além de buscar respostas sobre esse processo de entrada como forma de começar a conhecer uma realidade desconhecida e “estranha” para o ouvinte.

Palavras-chave: Ouvinte; Língua de Sinais; Surdez;

Introdução

A área de surdez e educação, conforme Cavalcanti (1999), apresenta pesquisas esparsas em diferentes áreas, como por exemplo, Educação, Linguística e Psicologia. Até o final dos anos 70, a reflexão sobre o assunto era realizada somente dentro de um paradigma clínico. Somente nos últimos oito anos – aproximadamente, a área de Linguística Aplicada, através da subárea de Educação Bilíngüe, se abre para estudos sobre surdez.

O *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005* pode ser considerado um avanço político nessa subárea. Esse *decreto* regulamenta a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) como disciplina curricular obrigatória nos cursos de Fonoaudiologia e Pedagogia, além de regulamentar que:

art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras:Libras ou em Letras:Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Em razão dessa regulamentação, a tendência é que haja um aumento no número de ouvintes interessados não necessariamente pelo “Mundo dos Surdos”, mas pela aprendizagem de LIBRAS. Esses ouvintes, em muitos casos, terão seus primeiros contatos com o contexto da Surdez durante a formação acadêmica (licenciaturas), quando, espera-se que passem pelo “estranhamento/familiarização”¹ do primeiro contato e da entrada nesse mundo².

Diante dessa tendência e da escassez de pesquisas que contemplem a relação do ouvinte com o “mundo” da surdez (dentre algumas, destaque Gesser, 2006), essa pesquisa pretende observar a entrada do ouvinte nesse mundo através da aprendizagem da LIBRAS.

Por se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico (Erickson, 1984)³, pretendo realizar essa observação a partir de minha própria experiência enquanto aluna da Língua de Sinais⁴. Experiência essa que está registrada no diário de campo que mantive durante as aulas.

Além disso, pretendo observar minha entrada na realidade profissional da área da Surdez e como fui me construindo como professora dessa área.

Dessa maneira, é através da observação de meu relacionamento com a Língua de Sinais e com a Surdez, propriamente dita, que se orientam as perguntas direcionadoras dessa pesquisa:

Como se constrói a relação do ouvinte com o mundo da surdez? Como é o processo de entrada de um ouvinte nesse mundo, através da LIBRAS? Como se dá o processo de aprendizagem da LIBRAS por um ouvinte com professor surdo?

Apesar de ter apresentado e definido, previamente, o contexto dessa pesquisa, faz-se necessário destacar que, por se tratar de uma pesquisa de cunho etnográfico, seu contexto pode ser ampliado de acordo com os acontecimentos e necessidades do trabalho de campo observado.

1. Justificativa

Como a área de Educação e Surdez é ainda um campo pouco explorado, faz-se necessário um olhar mais detalhado e que contemple a relação do ouvinte com o “mundo dos surdos”.

Compreendendo como se constrói o relacionamento do ouvinte com esse “mundo” e como se dá o seu envolvimento, pode-se chegar ao esclarecimento das dificuldades/facilidades encontradas nesse contato.

¹ Erickson, 1986 – conf. “A pesquisa etnográfica”

² Vale ressaltar que essa regulamentação não fará grandes mudanças por si só. Ela precisará ser acompanhada de ações estratégicas que dependem de vontade política.

³ Esse termo será melhor explicado na seção “A pesquisa etnográfica”

⁴ Frequentei um Curso de LIBRAS oferecido pelo setor de extensão do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL)/UNICAMP até concluir o Nível Básico dessa língua (onde mantive esse diário)

Através desse esclarecimento, o interesse dos profissionais da educação por essa área tende a crescer, proporcionando melhoria na qualidade de ensino e uma melhor integração social dos indivíduos surdos.

Essa pesquisa pode ser relevante tanto para os profissionais obrigados/interessados em atuar na área de Educação para Surdos quanto para ouvintes que por alguma razão precisam se comunicar com os surdos.

2. A pesquisa etnográfica

Para uma melhor compreensão da *pesquisa etnográfica* é necessário que se conheça o conceito de *etnografia* que, como o próprio nome sugere, é o *estudo do outro*. Nesse estudo não se usa critérios de classificação (certo/errado), mas a preocupação é tentar compreender o que leva um indivíduo a se comportar de determinada maneira. Essa preocupação está embasada no que Erickson (1986) denomina “a familiarização com o estranho” e “o estranhamento do familiar”, ou seja, uma tentativa de “aproximar-se do ‘desconhecido’” e de “distanciar-se do ‘conhecido’”, de olhar de um ângulo diferente, de colocar-se como espectador.

Em outras palavras, “estranhar o familiar” é olhar algo conhecido como se fosse uma coisa nova e “familiarizar-se com o estranho” é não julgar os valores, mas compreender e tentar se colocar no lugar do outro.

Com esse conceito definido, é importante ressaltar que a *pesquisa etnográfica* visa a “oferecer uma descrição e um relato interpretativo-explanatório do que as pessoas fazem em um determinado ambiente, os resultados de suas interações e as formas como compreendem aquilo que estão fazendo”. (Abrahão, 1992:128).

De acordo com Erickson (1984:51) a pesquisa de cunho etnográfico “retrata os eventos do ponto de vista dos atores neles envolvidos”.

É necessário enfatizar que “*O que está acontecendo aqui?*” é uma pergunta fundamental dentro de uma *pesquisa etnográfica*.

3. Arcabouço Teórico

Das leituras até agora realizadas sobre o tema *Surdez*, devo destacar uma que trata do assunto que proponho pesquisar. Trata-se o livro *Vendo Vozes* (Sacks, 1989). Neste livro, o autor – um neurologista ouvinte – narra sua experiência com os surdos vendo-os não mais na condição “médica”, mas na condição “étnica” já que os surdos, segundo o autor, têm uma cultura própria. Ele descreve a importância da Língua de Sinais no desenvolvimento de um indivíduo surdo, reconhece-a como uma língua visual e afirma que essa língua demonstra que o cérebro é rico e se adapta às necessidades. Afirma o autor (op.cit.:10) que somente com a existência de surdos é possível tal compreensão.

Pretendo, a princípio, realizar uma leitura dos dados sob a ótica das reflexões de Sacks, leitura essa que será integrada à proposta de análise da etnografia escolar de acordo com Erickson (1986).

Além disso, uma situação que merece destaque para a análise é a questão do etnocentrismo do ouvinte, ou seja, deste se sentir superior ao surdo, mesmo quando este último é a autoridade na situação de interação (no caso, a sala de aula de LIBRAS ministrada por professor surdo). Com base na observação dessa situação é possível traçar um paralelo com a realidade trabalhada no livro *Os Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade* (Elias e Scotson, 2000). O livro trata da relação de poder que os moradores mais antigos (e sua descendência) de uma pequena cidade da Inglaterra exercem sobre os mais recentes habitantes dessa cidadezinha. Os *estabelecidos* (moradores mais antigos) conseguem provar que são melhores, até mesmo para os próprios *outsiders* (moradores recentes), enfatizando as características “boas” e características “ruins” desses outros. Olhando pelo viés *ouvinte/surdo*, também se percebe a marcante relação de poder por parte do ouvinte e a resistência por parte de alguns na aceitação da realidade que o surdo tem seu espaço e que, embora tenha uma cultura diferente, usufrui os mesmos potenciais de qualquer pessoa.

Apesar de citar algumas teorias em que pretendo embasar a pesquisa, o arcabouço teórico poderá ser ampliado à medida que surgir necessidade durante o trabalho de campo e nas experiências vivenciadas, uma vez que uma das características da *pesquisa etnográfica* é ser flexível tanto em seu desenho inicial como em seu desenvolvimento.

4. Alguns dados

Durante o curso de LIBRAS que frequentei, mantive um diário de campo onde anotei as minhas impressões sobre a aula e sobre essa nova Língua com a qual passei a ter contato desde então.

O curso, ministrado por professor surdo, caracterizava-se de 06 módulos de 30 horas cada – com isso, alcancei o nível básico da Língua.

A sala de aula era composta por uma turma mista e que sofreu variação ao longo do curso – ora entravam, ora saíam alunos.

Vale ressaltar que após a regulamentação do *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*, o interesse por esse curso aumentou e, ao final do último módulo que compunha o Nível Básico, a sala tinha a seguinte realidade:

- um grupo de professoras, dois motoristas, uma secretária e a diretora de uma escola municipal da região de Campinas, que recebe alunos surdos do município;
- dois policiais de uma cidade próxima, interessados na aprendizagem de LIBRAS devido à necessidade de se comunicar com surdos no trabalho;

- algumas pessoas que já trabalham como intérpretes em igrejas, prefeituras, que dão assistência a pessoas que trabalham com surdos e aos próprios surdos, interessadas em aperfeiçoamento da língua e no certificado disponibilizado pelo Instituto;
- uma aluna surda, interessada em se aperfeiçoar, com interesse em lecionar LIBRAS futuramente;
- e duas alunas de Pedagogia e uma de Letras (a pesquisadora).

Diante desse cenário, conforme mencionado acima, mantive meu diário de campo anotando tanto minhas impressões sobre a Língua e sobre a sala de aula, quanto meu comportamento, aprendizagem e entrada nesse “mundo” da Surdez.

Após algumas leituras e análises de parte dos dados, início – no momento – uma releitura desse diário focalizando as perguntas direcionadoras dessa pesquisa.

Como ainda estou nessa fase, apresento, a seguir, algumas *asserções*⁵ que foram construídas para responder alguns questionamentos anteriores. Elas vêm acompanhadas de trechos retirados dos registros (nesse caso, diário de campo) que recebem o nome de *evidências*. As *evidências*, por sua vez, por trazerem exemplos concretos dos registros da pesquisa, podem ser tanto *confirmatórias* quanto *desconfirmatórias* das asserções. Em outras palavras, elas podem contribuir para a afirmação de uma possível resposta para a pergunta de pesquisa ou ainda para sua desconstrução. É importante adicionar, que às vezes não ocorrem evidências desconfirmatórias.

Apresento, a seguir, as *asserções* e suas respectivas *evidências*:

Asserção 1: O surdo, mesmo em situação de autoridade (como na sala de aula) ainda é visto como inferior.

Evidências confirmatórias:

A. “Tive algumas impressões estranhas na aula hoje, percebo que há diferenças no tratamento das relações com os surdos entre algumas profissionais – enquanto uma trata com mais sensibilidade, sem visar muito o lucro e com mais respeito à pessoa do surdo (essa é esposa de um surdo, trabalha como intérprete), outra é estritamente profissional (trabalha como orientadora de pessoas, professores que trabalham com surdos), ela não tem tanta sensibilidade, houve momentos que até quis corrigir o professor, dizendo que os sinais que ele estava ensinando não eram corretos, mas os sinais que ela sabia é que eram. Às vezes, talvez ela até tivesse razão em alguma coisa, mas a atitude que esperava dela é que estivesse aberta ao diálogo para entrar num consenso. Tenho a impressão que ela só está no curso por causa do Certificado, não está disposta a aprender (ou entende-se que já sabe tudo)”. [Diário de Campo – 4ª aula (módulo V) – 05/03/2005]

B. “Como a turma é grande, o professor dividiu a sala em 2 grupos. Ele ficou cuidando de um e a aluna surda de outro. Achei que ela ensina bem, fica bem à vontade, como o professor. Ela está fazendo o curso para obter certificado. Eles se entendem muito bem,

⁵ *Asserção*: Segundo Cavalcanti (2000: 109) “(...) as asserções fazem parte da construção da análise dos dados. Sua interpretação é realizada com base no arcabouço teórico da pesquisa (...) **As asserções são como hipóteses construídas no decorrer da análise de dados**” (grifos meus)

ele se preocupa que ela aprenda e em momentos de dúvidas sobre os sinais um consulta o outro, com respeito. Já aquela outra aluna (mais profissional) não consulta ninguém e quase impõe que o jeito dela é o mais certo”. [Diário de Campo – 1ª aula (módulo VI) – 14/05/2005]

Evidências desconfirmatórias:

A. “Ele tem muita paciência e vontade de se comunicar, ele tem consciência da nossa dificuldade em compreendê-lo. Porém, nós não temos muita consciência da dificuldade que os surdos têm em nos compreender. Estou tendo essa consciência desde que passei a ter contato com um surdo e me colocar no lugar dele”. [Diário de Campo – 9ª aula (módulo I) – 04/10/2003]

B. “Na hora de ir embora, fui no mesmo ônibus da aluna surda (eu, ela e uma outra aluna ouvinte). Conversamos um pouco, até que não me saí tão mal. Claro que compreendi mais do que falei, mas foi legal”. [Diário de Campo – 5ª aula (módulo V) – 12/03/2005]

Asserção 2: Nos primeiros contatos com uma pessoa surda, o ouvinte traz uma ideia dessa pessoa que não condiz com a realidade.

Evidências confirmatórias:

A. “O professor era como eu imaginava: muito comunicativo”. [Diário de Campo – 1ª aula (módulo I) – 02/08/2003]

B. “Hoje o professor se atrasou um pouco para chegar e isso serviu para eu colocar essa aula no lugar de aula, ou seja, uma aula normal. Eu estava tratando essa aula como algo muito especial e cheia de encantos”. [Diário de Campo – 2ª aula (módulo I) – 09/08/2003]

C. “Percebi o nervosismo de todos por causa da prova e isso me fez compreender (mais uma vez) que estou em uma aula normal (como outra qualquer)”. [Diário de Campo – 6ª aula (módulo I) – 13/09/2003]

D. “Fiquei surpresa com a organização da prova. Tudo muito bem dividido e elaborado”. [Diário de Campo – 7ª aula (módulo I) – 20/09/2003]

Asserção 3: A necessidade de se comunicar obriga e auxilia o ouvinte a se desinibir e progredir no aprendizado da LIBRAS.

Evidências confirmatórias:

A. “(...) ter que me habituar com a ideia de que meu professor era surdo e não me entenderia de outra maneira”. [Diário de Campo – 1ª aula (módulo I) – 02/08/2003]

B. “É legal conhecer as pessoas ouvintes só pelo sinal e pelo nome (em datilologia⁶), isso força a gente prestar atenção para tentar compreender o nome e ajuda-nos a testar se a nossa compreensão está boa”. [Diário de Campo – 1ª aula (módulo II) – 11/10/2003]

C. “Encontrei com o professor no ônibus (...) lá trocamos alguns sinais”. [Diário de Campo – 1ª aula (módulo III) – 24/04/2004]

D. “Desde o início do curso só conversava com o professor sobre as aulas, dúvidas e curiosidades. Hoje tivemos um ‘diálogo de negócios’ – percebi que estou ficando mais à vontade para me expressar em LIBRAS”. [Diário de Campo – fora da aula (módulo IV) – 14/08/2004]

E. “Após a prova, o professor veio falar comigo sobre questões burocráticas. Houve momentos que fiquei meio enrolada, acabo me virando com datilologia, falando devagar, escrevendo. Fica uma situação um pouco estranha, mas acabamos nos entendendo”. [Diário de Campo – 6ª aula (módulo VI) – 25/06/2005]

F. “Hoje foi um dia diferente para mim. A responsável pela turma precisou faltar e me pediu para ficar responsável pelas chaves. Até aí tudo bem. O que aconteceu de diferente, foi que tudo o que o professor precisava, ele vinha pedir para mim”. [Diário de Campo – 4ª aula (módulo I) – 23/08/2003]

G. “Ao término da aula, eu fiquei responsável em trancar a porta (...) eu e o professor ficamos conversando, com isso, pude perceber que estou me comunicando melhor, não só sobre assuntos da aula, mas sobre outras coisas também”. [Diário de Campo – 5ª aula (módulo II) – 08/11/2003]

Asserção 4: A todo momento, o ouvinte lida com as situações a partir de seu ponto de vista e é levado a refletir cada situação a partir da realidade do surdo se quiser compreendê-lo melhor.

Evidências confirmatórias:

A. “Ele expôs as suas dificuldades para conseguir estudar. Notei que ele dá ênfase ao ensino e a prática de LIBRAS. Compreendi que para os surdos a LIBRAS abre as portas para as boas oportunidades para o futuro. A linguagem é importante para todos, inclusive para os SURDOS. Fiquei comovida com sua história”. [Diário de Campo – 2ª aula (módulo I) – 09/08/2003]

B. “Hoje (...) passei a compreender porque a língua de sinais é uma língua visual. Eu só percebi isso porque hoje o professor ensinou muitas coisas e eu, como sempre, queria anotar uma explicação de como se fazia os sinais aprendidos. Comecei a ter

⁶ *Datilologia*: sequências de letras do alfabeto feitas com a mão, que juntas formam palavras, como nomes próprios, marcas de carro, TV, etc...

dificuldades, pois seria necessário muito tempo para tentar passar para a escrita o que eu via em sinais, com isso não veria o resto da aula e nem outros sinais novos. Conclusão, vi-me forçada a me ‘desligar’ um pouco da escrita e valorizar mais a visão. Sei que nas próximas aulas não abandonarei por completo minhas anotações, mas procurarei observar mais do que anotar. Sinto que será melhor para minha aprendizagem e para meu desempenho. Espero que agindo dessa forma eu me familiarize mais com a língua e com os seus falantes”. [Diário de Campo – 3ª aula (módulo I) – 16/08/2003]

C. “Hoje cheguei cedo para a aula e logo após chegou o professor (...) Como a sala ainda não estava aberta, ficamos no corredor esperando. Ele começou a conversar comigo para ‘quebrar’ o silêncio. Achei isso interessante (...) Nunca tinha parado para pensar que essa falta de comunicação, esse silêncio também incomodasse um SURDO – tão habituado à ausência de som. Entendo a razão de ele enfatizar tanto a importância da LIBRAS, pois é o seu veículo de comunicação. Embora ele viva no silêncio (ausência de som) ele não é obrigado a viver no silêncio (ausência de comunicação). E, uma vez introduzido no mundo da comunicação não somos capazes de optarmos por não querer nos comunicar mais”. [Diário de Campo – 5ª aula (módulo I) – 06/09/2003]

Vale ressaltar que, por estar em um momento de releitura do diário de campo, tanto as *asserções* quanto as *evidências* podem sofrer alterações, visando melhor responder as perguntas que direcionam essa pesquisa.

5. Considerações Finais

Nesta pesquisa busco responder as perguntas de pesquisa – COMO SE CONSTRÓI A RELAÇÃO DO OUVINTE COM O MUNDO DA SURDEZ? – Como é o processo de entrada de um ouvinte nesse mundo, através da LIBRAS? Como se dá o processo de aprendizagem da LIBRAS por um ouvinte com o professor surdo?, visando a contribuir e ampliar as discussões sobre a relação do ouvinte na área da Surdez.

Uma vez que esse assunto permeia a subárea Educação Bilíngue, da área de Linguística Aplicada, essa pesquisa, ao observar “registros” (Erickson, 1986) “gerados” (Mason, 1997) em situações cotidianas do ensino/aprendizagem da Língua de Sinais, buscará contribuir para a desmistificação do processo de entrada do ouvinte no “mundo” da Surdez.

Referências Bibliográficas

ABRAHÃO, M.H.V., Um estudo da interação aluno-aluno em atividades em pares ou em grupos na aula de Língua Estrangeira. Tese de Doutorado. Programa de Linguística Aplicada/Unicamp, 1992.

Aula de Português: tal sujeito, quais linguagens?

UESC
ILHÉUS
BAHIA
BRASIL

19 a 21
MAIO
2008

III Seminário
de Língua Portuguesa
e Ensino

I Colóquio
de Lingüística,
Discurso e
Identidade

CAVALCANTI, M. C. Estudos sobre Educação Bílingue e Escolarização em Contexto de Minorias Linguísticas no Brasil. DELTA, volume 15, número especial, 1999: 385-417.

ELIAS, N. e SCOTSON, J., **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**, trad. Vera Ribeiro – Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Ed., 2000.

ERICKSON, F., Qualitative methods in research on teaching, in: M.C.WITTROCK org., **Handbook of research on teaching**, MacMillan, 1986.

ERICKSON, F., What Makes School Ethnography Ethnographic? in **Antropology and Education Quarterly**, 1984.

GESSER, A., “Um olho no professor surdo e outro na caneta”: ouvintes aprendendo a Língua Brasileira de Sinais. Tese de Doutorado, Campinas: IEL/UNICAMP, 2006.

MASON, J. **Qualitative Researching**. Sage, 1997.

SACKS, O., **Vendo Vozes**. Porto Alegre: Companhia das Letras, 1989.